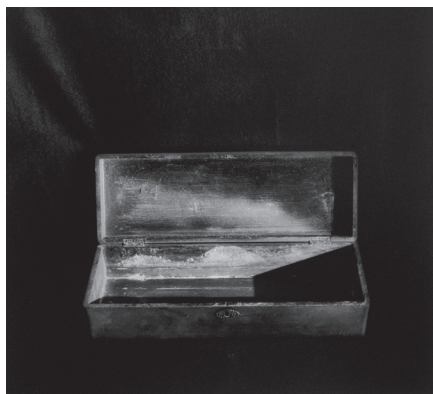


Lança o teu pão sobre as águas (sobre o *Qohélet / Ecclesiastes*)

com Maria Filomena Molder



Jorge Molder. Fotografia da série *The Secret Agent*, 1991

3 de março

Questões de filologia

17 de março

Redução do princípio do terceiro excluído

24 de março

Contra a idolatria do cérebro,
a atenção ao ventre

31 de março

Teologia mínima: o conceito de limite

Lança o teu pão sobre as águas é o primeiro versículo do capítulo 11 de *Qohélet* e introduz-nos imediatamente na atmosfera enigmática e não sentencial deste livro do *Antigo Testamento*. A tradução em português é minha, feita a partir da tradução italiana do “poema do Velho”, assim o qualifica Guido Ceronetti, que desde 1955 o leu e tentou traduzir. A sua primeira tradução publicada data de 1970, seguiram-se as de 1984, 1987, 1991. Em 2001 publica a última versão, embora não definitiva, como se irá perceber e porquê.

Qohélet não é o nome de ninguém. Na *Vulgata* passou a *Ecclesiastes*, aquele que

reúne, congrega, chama à reunião. Que tem ele para nos dizer? Coisas amargas, que despertam a repulsa, coisas inesperadas e surpreendentes, coisas que se contradizem e não podem deixar de se contradizer. Nenhuma delas nos deixa indiferentes. Trata-se de um conjunto de axiomas e não de provérbios. Não foi escrito para ser comentado por filósofos ou teólogos, mas para ser decifrado. Os axiomas ficam abandonados a eles mesmos, não fazem parte de uma cadeia dedutiva. Ter chegado a eles é sabedoria, e isso implica ter visto “estas coisas” repetidamente. Por isso as repetições não são problemas de estilo.

Qohélet não consola, dele não se pode tirar uma moral repousante que atribua sentido à vida, o que não deve ser confundido com Deus, porque Deus é uma evidência, o sentido da vida não. Como não sei hebreu, e os meus conhecimentos de grego são rudimentares, só posso comparar as traduções de Ceronetti com as de outras línguas europeias, em particular, inglês, francês, alemão. Ele próprio fornece essa possibilidade.

Por consequência, tenho em vista não só comunicar aquilo que vi nas palavras traduzidas de *Qohélet*, nas quais sopra o vento *famélico*, como promover a iniciação ao singular pensamento de Guido Ceronetti.

Maria Filomena Molder

Teologia mínima: o conceito de limite

Convém lembrar que a paisagem de *Qohélet* é difícilíssima de abarcar, daí, neste momento, senão palavras poucas, pelo menos cuidados mil com qualquer intenção de sinopse ou resumo. As suas repetições são fórmulas rítmicas, fisiológicas, atravessadas de lado a lado pela dor: “eu vi que era mal”, “mal ferino”, “o pior dos males”, e por um

esforço inaudito de não atraíçoar a vida, os seus bens: o prazer corre, ouro incorrupto, doçura do sol, brilhando por entre os fios da trama do conhecimento, “excesso inútil”, tecido esfarrapado, cuja lançadeira é manobrada por outra mão que não a nossa (cf. VII, 14).

Recorde-se o reconhecimento da irreparável ininteligibilidade daquilo que se passa sob o sol, desencadeando um elenco de preferências que desmobilizam a confiança: preferir o jamais nascido àquele que nasceu, preferir a casa onde se faz o luto àquela em que se celebra o nascimento. Endoidecido, mas não estulto, aquele que toma a palavra, o-que-sabe, dirige-se a quem? Que assembleia é esta que se recolhe para o ouvir dizer que também a sabedoria é “névoa-nada”, “fumo de fumos”?

Por conseguinte, retoma-se o motivo ardente: “E onde a ciência cresce § acresce a pena” (I, 18), que retorna em variações múltiplas. A teologia mínima prende-se com as visões da injustiça e da crueldade, com a iniquidade que devasta a casa da justiça, mas sobretudo com a evidência de que nem os oprimidos nem os opressores serão “consolados”, a qual exige embrenharmos de novo em problemas de filologia, ao mesmo tempo que caminha lado a lado com outra evidência que não precisa de pedras-de-toque, Deus e o seu carácter insondável. Nesse caminhar se inscreve o conceito de limite e o seu surpreendente cortejo.

Maria Filomena Molder é professora catedrática aposentada, FCSH, UNL. Últimas publicações: *Símbolo, Analogia e Afinidade*, Vendaval, 2009. *O Químico e o Alquimista. Benjamin, Lector de Baudelaire*, Relógio d'Água, 2011 – Prémio Pen-Club 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d'Água, 2014.

CONFERÊNCIAS TERÇAS-FEIRAS DE 3 A 31 DE MARÇO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO